

# Um empréstimo-ponte para pagar o BIS?

O Banco de Compensações Internacionais quer receber um empréstimo de US\$ 400 milhões até sexta-feira. O Tesouro dos EUA está disposto a ajudar.

O Banco de Compensações Internacionais (BIS) não está em condições de prorrogar o prazo, que vence sexta-feira, para que o Brasil lhe pague os US\$ 400 milhões que deve, advertiu ontem em Basileia o presidente daquela instituição que congrega os Bancos Centrais, Fritz Leutwiler.

Contudo, o Tesouro norte-americano poderá conceder ao País um empréstimo-ponte entre US\$ 400 e 600 milhões, ainda esta semana, para que o Brasil possa amortizar aquela dívida para com o BIS, informou ontem em Brasília uma fonte da área financeira, enquanto no Ministério da Fazenda os assessores mais graduados evitavam fazer qualquer comentário.

Sábado, antes de viajar, o ministro Ernane Galvêas havia garantido que o Brasil não havia pedido novo empréstimo-ponte aos Estados Unidos e revelara sua expectativa no sentido de que o BIS voltasse a prorrogar o pagamento de US\$ 400 milhões, atrasado desde que o Fundo Monetário Internacional cancelou a liberação da segunda parcela de US\$ 411 milhões do crédito ampliado concedido no início do ano.

Ainda em Brasília, o presidente do Banco Central, Carlos Geraldo Langoni, e a economista Ana Maria Jul, do Departamento do Hemisfério Ocidental do FMI, negaram-se a fazer qualquer comentário sobre a decisão do BIS de rejeitar a prorrogação no prazo da segunda parcela de US\$ 400 milhões do empréstimo-ponte de US\$ 1,45 bilhão concedido ao Brasil.

Se o Tesouro norte-americano não conceder o empréstimo-ponte de US\$ 400 a 600 milhões, o Brasil só terá condições de pagar ao BIS após o ingresso de recursos do FMI.

## Posição de espera

Langoni tem literalmente corrido da imprensa, enquanto outras fontes do Banco Central ressaltam que, sem caixa, o Brasil só pode ter posição de espera. Apesar das pressões dos credores, técnicos do Banco Central lembraram que justamente a diferença entre o atual processo de negociações com o FMI e o do final de 1982 está na busca de melhor amarração, o que impede a previsão de quando será alcançado o acordo para a liberação da segunda parcela de US\$ 411 milhões do financiamento ampliado de US\$ 4,86 bilhões do Fundo.

O FMI recusou entregar aquela cota de US\$ 411 milhões porque o Brasil não conseguiu cumprir as metas de austeridade econômica que condicionavam o empréstimo.

Os Bancos Centrais que concederam ao Brasil um crédito-ponte de US\$ 1,450 bilhão através do BIS em fins do ano passado deveriam receber US\$ 400 milhões em fins de maio. Porém, o prazo foi ampliado primeiro para fins de junho e, depois, para 15 de julho, sexta-feira.

## A esperança do BIS

Leutwiler, o presidente do BIS e também do Banco Nacional Suíço, disse aos jornalistas, ao término de uma reunião de governadores de Bancos Centrais em Basileia, que o Banco de Compensações Internacionais não prorrogaria novamente o pagamento:

— Ainda espero receber o dinheiro sexta-feira.

Indagado sobre o que fariam os Bancos Centrais se o pagamento não fosse efetuado, respondeu:

— Essa é uma pergunta prematura. Veremos na próxima semana.

Antes as informações de que o Tesouro norte-americano poderia conceder ao Brasil outros US\$ 600 milhões para pagar a dívida e perguntado se estaria em estudo um novo crédito, Leutwiler comentou:

— Não o obterão do BIS.

## Pressão social

Outros governadores de Bancos Centrais disseram crer que o governo brasileiro titubeava em apertar ainda mais o cinto econômico por temor de explosões de instabilidade social semelhantes às greves da semana passada em São Paulo.

Contudo, vários Bancos Centrais expressaram nos últimos meses uma crescente preocupação ante a tendência de considerá-los como fontes de ajuda ao Terceiro Mundo em vez de salvaguardas de suas próprias moedas nacionais.

No ano passado, os Bancos Centrais, atuando através do BIS, concederam empréstimos-ponte ao México, Hungria, Iugoslávia e Argentina.

O Brasil é a primeira nação a ter problemas com o pagamento, e fontes financeiras disseram que vários governadores de Bancos Centrais estavam perturbados por considerar que o País não tem conseguido enfrentar a penosa realidade de sua superdívida.